

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DO CRISTIANISMO

Análise da relação entre filosofia e cultura Helenista no Cristianismo.

Lapa - RJ

2020

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DO CRISTIANISMO

Análise da relação entre filosofia e cultura Helenista no Cristianismo.

ANA LÍGIA CABRAL DE VASCONCELLOS SILVA

Projeto de pesquisa apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Professor(a) orientador(a): MÁRCIO SIMÃO DE VASCONCELLOS

Lapa – RJ

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

S586i Silva, Ana Lúcia Cabral de Vasconcellos.
A influência da filosofia na formação do cristianismo: análise da relação entre filosofia e cultura helenista no cristianismo / Ana Lúcia Cabral de Vasconcellos Silva. – Rio de Janeiro, 2020.
40 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Teologia) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2020.
“Orientador: Prof. Marcio Simão de Vasconcellos”.
Referências: f. 39-40.

1. Teologia. 2. Filosofia cristã. 3. Cristianismo. 4. Cultura helenista. I. Vasconcellos, Marcio Simão de. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

CDD – 200

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

ANA LÍGIA CABRAL DE VASCONCELLOS SILVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado _____ com nota _____.

Prof. Dr. Marcio Simão de Vasconcellos
UNIGRANRIO

Prof. Antônio Lúcio Avellar Santos
UNIGRANRIO

Prof. Jansen Racco Botelho de Melo
UNIGRANRIO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai (in memoriam). Teólogo, filósofo, educador, pastor e pai dedicado, fonte da minha inspiração para pesquisa e meu estimulador a filosofar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por depositar em mim a incessante vontade de buscar entender o Seu propósito, e por responder a tantas indagações minhas, utilizando como ferramenta a minha paixão pela Teologia.

Agradeço ao meu pai, minha maior inspiração, meu orgulho, e principal motivo de ter escolhido essa ciência na qual ele não só foi mestre, mas também exemplo vivo de ética, coerência e lucidez teológica. Te amo para sempre! Saudade eterna.

Agradeço ao meu marido que tanto me incentivou e tornou os meus sonhos, nossos.

Obrigada por distrair as crianças enquanto eu escrevia ou fazia prova, e por tantos “você consegue! Eu acredito em você.” Nós conseguimos amor!

Obrigada aos meus filhos que sempre foram o motivo de tudo! Todo o esforço, todas as ambições e anseios são por vocês.

Obrigada a Universidade Unigranrio por atender às minhas expectativas e ir além, ofertando um curso de excelência que não só aguçou o meu interesse, mas me manteve mais motivada a cada semestre. Minha gratidão em especial pelo meu orientador professor Márcio Simão de Vasconcellos, sem seus conselhos e supervisão não conseguiria.

RESUMO

A proposta desse artigo é abordar a influência da filosofia no processo de formação do Cristianismo, buscando identificar os reflexos filosóficos na identidade da igreja primitiva e nas religiões contemporâneas com bases Cristãs. A filosofia é considerada a mãe de todas as ciências e compreendê-la através do olhar teológico se faz necessário para um maior entendimento do fenômeno Cristão. Analisar o início da formação da igreja apostólica e identificar aspectos filosóficos herdados da cultura helenística, trás uma ampla perspectiva de pesquisa para o entendimento da mentalidade de Cristo e compreensão da Sua mensagem. A abordagem filosófica através do aprofundamento da perspectiva sócio cultural de Jesus de Nazaré, eleva o estudo do processo de formação do Cristianismo a um patamar onde se torna possível compreender aspectos e relacioná-los ao Cristianismo contemporâneo. Nessa reflexão, recebe um papel fundamental a teologia de Werner Jaeger, cuja análise sobre as influências da filosofia sobre a fé Cristã enriquece substancialmente essa pesquisa.

Palavras-Chave: Filosofia; Cristianismo; Helenismo

ABSTRACT

The purpose of this article is to address the influence of philosophy in the formation process of Christianity, seeking to identify the philosophical reflexes in the identity of the primitive church and in contemporary religions with Christian bases. Philosophy is considered the mother of all sciences and understanding it through the theological perspective is necessary for a better understanding of the Christian phenomenon. Analyzing the beginning of the formation of the apostolic church and identifying philosophical aspects inherited from Hellenistic culture, brings a broad perspective of research for the understanding of the mentality of Christ and the understanding of His message. The philosophical approach through the deepening of his socio-cultural perspective of Jesus of Nazareth, raises the study of the formation process of Christianity to a level where it becomes possible to understand aspects and correlate them with contemporary Christianity. In this reflection, the theology of Werner Jaeger receives a fundamental role, whose analysis on the influences of philosophy on the Christian faith substantially enriches this research

Keywords: Philosophy; Christianity; Hellenism

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ANÁLISE DA CULTURA E FILOSOFIA HELENÍSTICA	12
2.1. CULTURA HELENÍSTICA	13
2.2. FILOSOFIA HELENÍSTICA	14
2.3. ESCOLAS FILOSÓFICAS	15
3. NASCIMENTO DO CRISTIANISMO	19
3.1. INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA HELENISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO DA VIDA DE JESUS	20
3.2. VESTÍGIOS FILOSÓFICOS NO MINISTÉRIO DE JESUS	22
3.3. NASCIMENTO DA IGREJA PRIMITIVA	26
4. INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA NO CRISTIANISMO	28
4.1. FILOSOFIA NA IGREJA PRIMITIVA	29
4.2. FILOSOFIA E O CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO	31
4.3. RESGATE A IGREJA APOSTÓLICA	33
5. CONCLUSÃO	36
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1. INTRODUÇÃO

Através das expansões de Alexandre Magno (334 a.C) houve uma miscigenação de culturas e consequentemente a filosofia grega se expandiu por todo o oriente. Com o nascimento do cristianismo, esse encontro de ideais foi inevitável e tornou a fé cristã inculturada com muitos elementos da cultura grega. Infelizmente hoje esse legado cultural e filosófico tem sido negligenciado por parte da igreja cristã, que insiste em atribuir a raiz da fé cristã apenas ao judaísmo, religião praticada por Jesus. A proposta deste trabalho é o aprofundamento nas evidências do pensamento cristão de que ele agregou muito da filosofia helênica, que não somente marcou o cristianismo nascente, como o influencia fortemente até os dias de hoje. E objetiva levar a reflexão e responder questionamentos como: Qual foi o contexto cultural sob o qual Jesus de Nazaré nasceu e viveu até sua morte? Como Jesus lidou com as barreiras culturais presentes em seu ministério? De que forma a filosofia contribuiu para a formação da mentalidade cristã? Qual o motivo da forte tendência da igreja cristã em ignorar essa influência?

Inicialmente, nos primeiros capítulos, iremos abordar a parte histórica. A fim de compreender como ocorreram as expansões de Alexandre, o que foi o período helênico, como esse encontro de culturas contribuiu para a formação da filosofia helênica e o início da formação do cristianismo.

Seguindo os fatos históricos, a partir do capítulo quatro, iremos para a análise sobre de que forma tais acontecimentos influenciaram diretamente na religião cristã, e como isso é sinalizado na bíblia. E neste capítulo, as obras do autor Werner Jaeger contribuirão fortemente para o desenvolvimento e embasamento deste estudo. Através dessa análise será possível relacionar o pensamento filosófico a muitas atitudes de Jesus, e associar os ideais da escola estóica com fundamentos cristãos, compreendendo que a filosofia contribuiu positivamente em muitas abordagens utilizadas pelo movimento do cristianismo.

Por fim, nos dois últimos subtítulos, buscaremos entender os motivos pelos quais a filosofia tem sido renunciada no meio cristão. A proporção negativa que o pensamento dualista tomou, foi capaz de denegrir e até mesmo eliminar as contribuições positivas para algumas teologias. Será possível reverter essa tendência? Deveríamos nos voltar para a filosofia helênica para melhor compreender o cristianismo? Esses são alguns dos questionamentos que tentaremos buscar respostas nesta pesquisa. Uma vez que a proposta deste trabalho traduz em compreender de que forma a filosofia influenciou e ainda influencia até hoje o cristianismo, compreender a mensagem

positiva que foi extraída e agregada aos ensinamentos da comunidade cristã primitiva do pensamento filosófico helênico, e trazer para realidade atual a necessidade de se resgatar alguns dos ensinamentos estóicos para que a legitimidade do cristianismo seja resgatada, provocando as mudanças necessárias a uma igreja moderna atualmente corrompida em sua essência. Visto que a necessidade de um resgate a igreja apostólica é real e latente, mas antes devemos entender historicamente os elementos que contribuíram para que a igreja se perdesse no processo de evolução.

Creemos que uma volta às origens é necessária, mas entendemos que a percepção de todo o processo de formação é importante, e deve ser analisado de forma comprometida. A filosofia fez parte desse processo e fez contribuições preciosas para que a mensagem de Cristo chegasse a nós sob a perspectiva de respeito às diversidades, busca pela igualdade e diminuição das injustiças sociais, e tal resgate é mais do que necessário.

2. ANÁLISE DA CULTURA E FILOSOFIA HELENÍSTICA

Helenismo ou Período Helenista foi assim conceituado pelo historiador alemão Johan Gustav Droysen (1808-1884), que assim nomeou o processo de expansão da cultura Grega para outras regiões do mundo antigo após a morte de Alexandre Magno.¹

Também conhecido como Alexandre, O Grande (356 – 323 A.C), foi um grande estrategista político e militar. Alexandre foi responsável pela expansão dos domínios do Império da Macedônia, para toda Hélade (Complexo de cidades da Grécia antiga, dentre elas: Atenas, Esparta e Tebas) uma das maiores conquistas territoriais já vistas no mundo. O Império de Alexandre representava uma imensidão que compreendia desde o norte da África, passando pelos domínios do antigo Império Persa, no Oriente Médio, o leste europeu, até chegar à Índia, Por todo o seu império foi disseminada a cultura grega, perpetuada em teatros, arquitetura, música, gastronomia e finalmente a Filosofia.

Alexandre teve como professor Aristóteles, que por sua vez foi aluno de Platão. Desta forma, o Império Alexandrino se caracterizou pela centralidade da cultura grega desenvolvida principalmente nas cidades de Atenas, Esparta e Tebas por todo o seu território.

Um grande exemplo da herança cultural do legado de Alexandre o Grande, foi a cidade de Alexandria, cujo nome foi em homenagem ao seu fundador.

Construída na região Nordeste do Egito, a cidade se tornou um símbolo intelectual do período Helenista em função da biblioteca de rolos de papiro que guardava saberes científicos, literários, religiosos e filosóficos de valor imensurável. Devido ao concretismo da cultura grega firmado com os feitos de Alexandre, a cultura helenista persistiu até mesmo após o domínio do Império Romano, e persistiu tornando-se base da formação dos homens durante muitos séculos.

A cultura helênica, foi inserindo suas características as cidades conquistadas à medida que também absorvia suas culturas, como por exemplo a cultura Persa, muito admirada por Alexandre, esse processo solidificou um novo mundo, ecumênico e integrado dissipando o racionalismo e a articulação política aberta.

¹ FERNANDES, CLÁUDIO. **História do mundo: Helenismo.** Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-antiga/helenismo.htm/> (acesso dia 12/09/2020 às 16:10h)

Segundo Droysen:

A alma asiática é, de maneira geral, mais ativa, mais uniforme e mais limitada que a alma ocidental. Era impossível fazer tábula rasa dos seus preconceitos e costumes, bem como da individualidade profunda dos povos orientais. O trabalho de assimilação só podia se efetuar lentamente, por etapas sucessivas (...). O que triunfou sobre o Oriente, em última instância, não foram os gregos, mas a civilização helênica. Por esse fato, ela se investiu de uma importância primordial. Os elementos dessa civilização (...) eram o racionalismo e a autonomia democrática².

Após a morte de Alexandre, por não haver herdeiros, os generais dividiram entre si o Império, surgindo assim as dinastias de soberanos absolutistas, o que enfraqueceu a unidade mantida por Alexandre, embora tenham tentado sustentar o legado cultural e administrativo Alexandrino até a conquista de alguns desses territórios por Roma.

2.1. CULTURA HELENÍSTICA

A cultura helenista caracterizou-se pela miscigenação da cultura grega e elementos da cultura oriental, uma vez que resultou da fusão de diferentes culturas pós a dominação de Alexandre o Grande sobre um vasto território. A bagagem cultural da Grécia, Pérsia, Egito, Mesopotâmia, Síria e Índia se unificou, formando uma nova civilização e iniciando o processo de integração cultural na qual Alexandre demonstrava grande interesse. Adotando o Grego como língua comum em determinados aspectos culturais prevaleceu o padrão grego e em outros elementos orientais.

Esse movimento expansionista promovido por Alexandre foi responsável por propagar a cultura grega pelo Oriente, desenvolvendo conhecimentos em diversas áreas como geometria, astronomia, teatro, poesia e muitas outras contribuições cuja herança cultural perpetua até os dias de hoje.

Tendo Alexandria como o maior centro dessa cultura pluralizada abrigando edificações como biblioteca, observatório astronômico, zoológico e o museu conhecido por seu vultuoso acervo de mais de 2.000 obras além da oficina de produção de papiros.

Politicamente, após a unificação dos territórios em um grande império, as cidades gregas perderam parte da autonomia que após a morte de Alexandre entrou em decadência e foi dividido

² DROYSSEN, J. G. **Alexandre: o grande**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010, p. 330.

em três reinos Macedônios, Selêucidas e Ptolomaico. Esses reinos centralizavam o poder no soberano absoluto e contavam com uma corte vasta e burocrática, o que se diferenciava totalmente da Grécia clássica. A democracia foi derrubada e a manufatura e a terra se tornaram monopólio Estatal.

Ainda durante o período Helenista houve um grande desenvolvimento da história, com Políbios, da matemática e da física, com Euclides e Arquimedes, a astronomia, com Aristarco; e a gramática, com Dionísio Trácio, a literatura destacada pelo poeta Teócrito, que através de suas poesias curtas e bucólicas exerceu grande importância.

Desenvolveram-se também as artes como a pintura e a escultura que retratavam com perfeição e realismo a natureza e o movimento dos corpos. Um grande exemplo é a escultura em mármore “Laocoonte e seus filhos”. Obra que representa Laocoonte e seus filhos atribuída ao século I a.C. e aos escultores Agesandro, Atenodoro e Polidoro da Ilha de Rhodes. Atualmente em posse do Museu do Vaticano. Na arquitetura, a cultura helênica destaca-se pelos grandes palácios de mármore, ruas largas e construções luxuosas.³

2.2. FILOSOFIA HELENÍSTICA

A palavra filosofia resulta de uma composição de duas palavras gregas. São elas: *philos* (φίλος) que tem por tradução amizade, amor fraterno e *sophia* (σοφία) traduzida por sabedoria ou saber. Entende-se, portanto a Filosofia como amizade pela sabedoria, amor pelo saber. A filosofia expressa a busca pelo saber e se caracteriza por indagar as questões humanas, questionar para o encontro do entendimento.

A filosofia helenística se desenvolveu a partir do movimento natural de evolução intelectual, incentivada e estimulada por um novo conceito de desenvolvimento estabelecido neste período, onde a integração com diferentes povos, possibilitou o desenvolvimento da noção de cosmopolitismo, ou seja, a ideia de homem como cidadão do mundo. Têm como preocupação central a ética, a progressão moral em conformidade com a natureza, objetivando sempre a condução do homem a uma vida feliz e virtuosa. Esse pensamento era entendido como “arte de viver”, ou seja, o “bem viver”. Consequência da consciência adquirida através do processo

³ JOSEANE, ROSA. **Período Helenístico**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/periodo-helenistico> (acesso dia 12/09/2020 às 16:30h)

rompimento da pólis grega, na qual o homem deixou de ser conceituado como “animal político”, regido pela sua cidadania. A partir da concepção de pluralidade e a desilusão política, o homem passou a pensar mais na sua satisfação e pessoal (ataraxia - “paz de espírito” ou tranquilidade”) o que ao invés da política o levaria a felicidade verdadeira (eudaimonia). Desenraizado, a polis deixou de ser sua base referencial.

A filosofia helenística é caracterizada pela associação das escolas filosóficas e não mais pela supervalorização do autor, o que deu margem a acusações de serem escolas dogmáticas e doutrinárias, deixando de lado o aspecto dialético da filosofia grega. A originalidade foi superada pelo vínculo ao pensamento em grupo.⁴ Essas escolas filosóficas eram marcadamente ecléticas por representarem a síntese de diferentes doutrinas. Tinham por prática levar o ensino do autocontrole principalmente em relação aos medos que representavam obstáculos para o alcance do objetivo filosófico maior representado pela tranquilidade da alma.

Eram comuns as práticas de exercícios que inspiravam a transformação interior. Como explica o helenista Pierre Hadot, em sua obra *Exercícios espirituais e Filosofia Antiga*: [...] “A filosofia vai então educar o homem para que busque alcançar apenas o bem que pode obter e busque evitar apenas o mal que pode evitar”⁵.

Para as escolas helenísticas as causas de sofrimentos, desordens espirituais, residiam nas paixões, ou seja, nos desejos desordenados e nos medos exagerados.

A filosofia, portanto, teria o papel de tratar a alma para o controle das paixões, através dos exercícios propostos. Possibilitando através disso, ao homem volta-se para si mesmo e ordenar a própria vida.

2.3. ESCOLAS FILOSÓFICAS

As escolas helenísticas de forma geral aplicam o amor e a investigação da sabedoria, na aplicação das atividades filosóficas como modo de vida. Todas elas tinham por definição a sabedoria como o estado de plenitude da tranquilidade da alma. Sendo assim a filosofia trabalharia

⁴ DE CARVALHO LEAL, TALITA. **Período Helenístico**. <https://www.passeidireto.com/arquivo/75199492/periodo-helenistico> (acesso dia 15/09/2020 às 12:30h)

⁵ HADOT, P. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. São Paulo: É Realizações, 2014. p.23

com uma finalidade terapêutica em relação ao tratamento das angústias percepções negativas do ser humano.

Esse pensamento traz em si a herança Socrática, no que diz respeito a crença de que os homens estariam submersos na miséria, na angústia e no mal por consequência de estarem na ignorância.

Sob esta ótica, o mal estaria no juízo de valor que o homem atribui a algo, e não na coisa em si. Conceito demonstrado na famosa frase de Sócrates: “Existe apenas um bem, o conhecimento, e um mal, a ignorância”⁶

A lição a ser ensinada através dessa crítica filosófica é da necessidade de mudança do juízo de valor humano, e todo o seu pensamento e postura em relação a vida, e o que viabilizaria essa mudança seria justamente a busca pela paz interior e tranquilidade da alma - ataraxia. Embora existam características marcantes em comum as escolas helenistas, discordâncias significativas no método para a busca a ataraxia, também podem ser encontradas.

Os Céticos e Cínicos acreditavam que suspender os juízos de valor seria o caminho para felicidade plena. Corrente filosófica que teve origem com Antístenes (445- 365 a.C.) um discípulo de Sócrates que declarou a virtude como o que fundamenta a existência humana em detrimento do prazer. Antístenes tinha como tema central a ética, natureza e a lógica, se dedicou a provar que o valor da existência não poderia ser medido através da propriedade, mas deveria sim ser avaliado pelo desenvolvimento de sua humanidade. Para ele a busca pelo prazer afasta a humanidade da verdadeira felicidade, inaugurando a atitude de coerência entre pensamento e ação.

Diferentemente das outras escolas helenistas a escola cínica não possuía um local onde os mestres transmitiam seus conhecimentos. O conhecimento e estilo de vida cínicos eram transmitidos através do exemplo e imitação. Não havia textos ou estruturas organizacionais que a caracterizassem como uma escola de pensamento filosófico, apenas um modo de vida característico.

O termo Cinismo tem origem no grego *kynismós*, que significa "como um cão" e reflete a forma de vida dos adeptos dessa filosofia. Eles foram conhecidos como aqueles que viviam como cães ou “filósofos caninos”. Em função do total desprezo ao apego material, a falta de pudor e a lealdade a filosofia tornando-os ferozes com pensamentos contrários.

⁶ Sócrates, **Frases e Pensamentos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/> (acesso dia 21/09/2020 às 18:05h)

Os filósofos cínicos trajavam apenas um manto dobrado como vestimenta, um bastão para auxílio nas caminhadas e uma sacola para donativos.

O ceticismo e o cinismo também foram marcados por serem filosofias populares e missionárias. O Ceticismo prega a suspensão do juízo de valor pré-estabelecido da realidade, e questiona a existência de um conhecimento absoluto e verdadeiro. Desde então, a aplicação prática da palavra cínico, tem sido atribuído às pessoas sem apego às convenções sociais, e que mantém a atitude de superioridade sobre aqueles que não assumem a mesma postura.

O Cinismo baseia-se na completa indiferença ao material e a si mesmo, promove o reconhecimento da inferioridade da sabedoria humana para o alcance da tranquilidade plena. Ambas atingem todas as classes sociais, instruindo através do exemplo de conduta sobre a importância do retorno à simplicidade de vida regido, sobretudo, pelo respeito aos princípios da natureza.

Já a corrente filosófica oposta ao Ceticismo e Cinismo, denominada como os Dogmáticos, defendiam que a terapia deveria consistir em transformar os juízos de valor a fim de alcançar o que julgavam como sabedoria plena, a ética a moral. Desta corrente filosófica partem o Epicurismo, que têm na investigação do prazer a motivação para toda atividade humana, e o Estoicismo, para o qual prevalece o pensamento Socrático do amor ao BEM como instinto inato ao ser humano. A escolas Epicurista e Estóica são consideradas dogmáticas por seguirem um SISTEMA dogmático coerente e desejavelmente aplicável ao modo de vida praticado. Essas escolas se afastam da filosofia platônico-aristotélica, por entenderem a urgência na decisão moral, mas têm diferenças entre elas no método de ensino.

O Epicurismo foi fundado pelo filósofo grego Epicuro (341 a.C.-270 a.C.), se caracterizava pelo incentivo a busca dos prazeres terrenos. Para os Epicuristas a felicidade era alcançada através da saciedade dos prazeres humanos como sexo, as satisfações materiais, as amizades, e tudo aquilo capaz de proporcionar a finalidade dos interesses individuais, e a liberdade.

O propósito epicurista é libertar o ser humano das perturbações e temores remetidos aos desastres naturais e a morte. Segundo a lógica Epicurista quem dedica suas preocupações aos medos, não volta a atenção a busca dos prazeres puros e a tranquilidade de vida.

O Estoicismo foi fundada pelo filósofo grego Zênon de Cítion (333 a.C.- 263 a.C.), e vigorou durante séculos (até III d. C.) e fundamentava sua doutrina filosófica nas leis da natureza, através de uma ética rigorosa que assegurava o universo era governado por uma razão divina. Acreditavam

que a dominação humana sobre suas paixões resultava na felicidade, e prezavam o cultivo da alma, admitindo a reencarnação. A indiferença a dor, a submissão a ordem natural das coisas, firmeza do espírito e a indiferença aos bens materiais marcavam o pensamento Estoicista.

O termo “Estoicismo” surge da palavra grega “*stoá*”, que significa pórtico, locais de ensinamentos filosóficos. Essa escola objetivava enfatizar a paz de espírito e supervaloriza a autossuficiência. Fundou-se através da filosofia platônica e no em algumas características do Cinismo. O que resultou em uma corrente filosófica que considera a VIRTUDE suficiente para a felicidade verdadeira.⁷

A escola Estoicista trabalhava a memória como principal instrumento para manutenção de seus dogmas e da apresentação sistemática de sua filosofia, e incentivava a habilidade homilética com exercícios retóricos e dialéticos para fins políticos, o que remete ao pensamento platônico sobre a influência filosófica na ciência política. Por essa metodologia, se tornou comum a escola estóica receber viajantes de outros países para aprenderem a governar, porém antes precisavam aprender a governar a si mesmos.

No Estoicismo era adotada a prática de mestre e discípulos que eram orientados através de diálogos e discussões. Tanto a escola estóica como a epicurista assumiram um caráter missionário de visão popular, o que se caracteriza por uma postura Socrática. Se dirigiam a todos sem distinção entre pobre ou rico, homem ou mulher, livres ou escravos. Qualquer pessoa poderia adotar o modo de vida por eles pregado.

Por essa, e outras relevantes características, considera-se a escola Estóica uma influenciadora no desenvolvimento da religião Cristã. O caráter missionário, visão popular e destinação do discurso a todos são importantes elementos que aproximam essa escola as características do Cristianismo.

⁷ CABRAL, João Francisco Pereira. “**Escolas filosóficas do período helenístico**”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/periodo-helenistico-1.htm>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

3. NASCIMENTO DO CRISTIANISMO

O cristianismo se dá através da fé em Cristo como sendo o Messias esperado pelos Judeus na religião judaica, baseados nos textos e profecias citados pela Torá, principal instrumento de fé do judaísmo.

Hoje o cristianismo é considerado uma religião, e possui o maior número de fiéis no mundo, cerca de 30% da população mundial.

Tendo como base a religião judaica, o Cristianismo é considerado uma religião monoteísta, pois sua fé se baseia na existência de um único Deus. Cristo seria, portanto, o próprio Deus encarnado como filho.

O nascimento de Jesus é narrado no Novo Testamento da Bíblia Sagrada, onde desde a concepção milagrosa sem conjunção carnal, passando pela gestação anunciada por um anjo, até o nascimento tendo uma estrela como anunciadora, são narrados com riquezas de detalhes e repetidos em dois dos quatro evangelhos.

Naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse. (Este primeiro alistamento foi feito sendo Quirino presidente da Síria). E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. E subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e família de Davi). A fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem. Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho. E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor. E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura. E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo: Glória a Deus nas alturas, Paz na terra, boa vontade para com os homens. E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber. E foram apressadamente, e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura. E, vendo-o, divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita; E todos os que a ouviram se maravilharam do que os pastores lhes diziam. Mas Maria guardava todas estas coisas, conferindo-as em seu coração. E voltaram os pastores, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes havia sido dito. E, quando os oito dias foram cumpridos,

para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe fora posto antes de ser concebido.⁸

Embora não se tenha evidências ou fontes científicas que descrevam amplamente a identidade do Jesus histórico, a bíblia é a principal fonte de informações e o objeto que norteia a religião Cristã. Segundo essas informações Neotestamentárias, Jesus filho de Maria e José, residiu na sua infância e maior parte de sua vida em uma cidade pequena periférica, povoada por pessoas humildes e fiéis à lei judaica, chamada Nazaré. Embora situada em uma região fértil e de vista privilegiada, Nazaré tinha relevância, devido ao número reduzido de habitantes e pouca expressão. Antes do Novo Testamento Nazaré sequer havia sido citada.

3.1. INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA HELENISTA NO CONTEXTO HISTÓRICO DA VIDA DE JESUS

Nesse contexto Jesus foi criado e viveu aproximadamente 30 anos da sua vida, e embora tenha vivido como um Judeu, ensinado a obedecer a Lei Mosaica, Jesus teve contato direto com uma cultura miscigenada, nas quais as principais influências eram a cultura grega e judaica.

Historiadores como Johann G. Droysen, sustentam o pensamento de que o cristianismo surgiu do Helenismo, e dele norteou seu desenvolvimento de maneira relevante. Werner Jaeger considera o processo desencadeado por Alexandre o Grande decisivo para afirmação do cristianismo como religião universal.⁹

No encontro histórico entre helenismo e cristianismo, a língua grega falada em todas as sinagogas nas cidades do mediterrâneo, viabilizou o contato da doutrina Cristã aos judeus helenizados e igualmente aos gentios ampliando seu alcance.¹⁰ Paralelamente a esse encontro, havia o domínio do Império Romano que por sua vez já estava sob forte influência das ideias do pensamento grego, pensamentos estes, sistematizados pelas diferentes escolas filosóficas helênicas como o Estoicismo, Epicurismo e o Ceticismo.

A troca de culturas foi inevitável e o pensamento cristão e filosófico logo caminharam em paralelo nos seus ideais, em um processo de reciprocidade, como sugere implicitamente Jaeger:

⁸ Lucas (1,26-28)

⁹ VASCONCELLOS, PAULO SÉRGIO, **Helenismo e Cristianismo primitivo: Encontros e confrontos**, p.7.

¹⁰ VASCONCELLOS, PAULO SÉRGIO, **Helenismo e Cristianismo primitivo: Encontros e confrontos**, p.8.

Houve então a helenização do cristianismo e a cristianização do helenismo. Pelo simples motivo: “havia uma unidade última e um núcleo comum de ideias entre eles”.¹¹

A filosofia helenista ajudou o cristianismo a se utilizar da razão como instrumento de enriquecimento para a construção de seus pensamentos, e através da valorização da razão, o pensamento Platônico contribuiu para que o cristianismo se firmasse como uma religião que procura encontrar razão e dar sentido às suas convicções, agregando desta forma a fé e a razão. Como afirma Werner Jaeger:

Mesmo a palavra “conversão” é extraída de Platão para adotar um significado filosófico de mudança de vida em primeiro lugar. Muito embora, a aceitação disso tivesse muitos motivos, o Kerigma cristã fala da ignorância dos homens e promete dar-lhes um conhecimento melhor e, como as filosofias, ele se refere a um mestre e professor que possuiu e revelou a verdade. Essa revelação paralela entre filósofos gregos e os missionários cristãos levou esses últimos a aproveitá-la a seu favor.¹²

E ainda como muito bem colocado por Esdras Gregório:

“o cristianismo como religião não cresceu e floresceu em um terreno virgem de ideologia, mas no centro máximo da cultura mundial de sua época e no apogeu da cultura helênica da qual influenciou profundamente os seus principais líderes que beberam tais ensinamentos como base moral de sua formação e estrutura intelectual. Não podia ser diferente: nem uma religião ou filosofia se forma sem um “mote” e base como pressupostos de sua legalidade...” ... “Sobre a base estoica filosófica de que a carne é má e inferior ao espírito e a razão, toda a moralidade cristã foi formada, vendo assim os desejos sexuais como desejos impuros por si mesmo...”¹³

É nítido encontrar esses valores do estoicismo reproduzidos nas próprias ações de Jesus, e, portanto, nas doutrinas cristãs, o que não poderia ser diferente devido a sua proximidade com os ideais filosóficos helenistas, impregnados no período do domínio Romano sob o qual Ele nasceu.

O pensamento estoico levava a crença de que tudo que existe é dotado de um *logos* (razão) que a governa. Esse pensamento irá complementar o pensamento cristão de que a razão de todas as coisas, inclusive o ser humano, é Deus. Além de propor que as emoções destrutivas eram resultado da ignorância e falta de autocontrole, que só seria possível através da razão.

Pode-se dizer que o pensamento platônico incutido no estoicismo, preparou caminho para melhor aceitação do cristianismo, uma vez que tratou de temas relevantes que posteriormente

¹¹ WERNER, Jaeger. **Cristianismo primitivo e Paideia grega**. Academia Cristã, 2014, p.53.

¹² WERNER, Jaeger. **Cristianismo primitivo e Paideia grega**, 2014, p.19.

¹³ Gregório, Esdras, **A cristandade sob a influência do estoicismo**, disponível em: <https://cristianismoa-religioso.blogspot.com/2011/02/cristandade-sob-influencia-do.html> (acesso dia 17/10/2020 às 10:20h)

quando externados por Jesus não encontraram contradição em sua mensagem entre os gentios, mas sim uma completude entre os discursos. Uma demonstração da compatibilidade entre os pensamentos e filosófico e Cristãos é a centralidade da figura maior, que Platão denominou por Artífice e que no cristianismo podia ser traduzido como o próprio Deus. Pensamento Platônico:

Dissemos que tudo o que é gerado necessita ter sido gerado por uma causa. No entanto, é muito laborioso encontrar o produtor e Pai deste universo, e, uma vez encontrado, é importante falar dele para todo o mundo. A respeito do Universo deve-se perguntar: Foi contemplado qual dos exemplares que aquele que fabricou o Universo fabricou? O exemplar que é sempre do mesmo modo e idêntico ou aquele que é gerado? Ora se este mundo é belo e o Artífice é bom, é evidente que ele contemplou o exemplar eterno; se, porém, o Artífice não é bom (o que nem sequer deveria ser dito), ele contemplou o exemplar gerado. É evidente, contudo, que ele contemplou o exemplar eterno: com efeito, o Universo é a coisa mais bela de todas as que foram geradas, e o Artífice é a melhor das causas.¹⁴

Nesta breve análise do contexto histórico no qual Jesus de Nazaré nasceu e viveu por toda sua vida, encontramos, portanto, muita influência e convivência direta com a cultura, e conseqüentemente, com a filosofia helênica, fundamentada no platonismo. Essa influência certamente atingiu o modo de pensar naquele período, modificando significativamente não só os ideais daquele povo, mas também todo modo de agir e conviver em sociedade. Jesus estando inserido nesse mesmo contexto, certamente foi influenciado. Era um período de grande apelo cultural, devido a sua diversidade. Povos diferentes interagindo e compartilhando suas bagagens históricas, crenças e anseios. E através desse olhar ampliado pelo cenário cultural veremos essa influência eternizada no discurso do mestre Yeshua.

É necessária essa compreensão para uma análise mais consistente e fiel ao ministério que Jesus exerceu, e de onde originou o cristianismo. Para que se deixe de lado o recorrente e equivocado preconceito acerca da filosofia como desconstrutora da fé cristã, mas, se assuma uma postura de entendimento de que a mesma representou muito mais como contribuinte da fé Cristã ao longo dos séculos.

3.2. VESTÍGIOS FILOSÓFICOS NO MINISTÉRIO DE JESUS

É consenso teológico considerar o início do ministério de Jesus a partir do seu batismo, aos 30 anos de idade, ato que sinalizou a humildade de Jesus que mesmo imaculado, realizou uma

¹⁴ Savian Filho, José. **Deus – Coleção Filosofia frente e verso**, p.81

prática na qual o simbolismo é justamente a redenção dos pecados. Essa atitude o aproximou dos pecadores e demonstrou a dimensão da Sua solidariedade e humanidade, mensagem esta, que perpetua até os dias de hoje.

Para isso, Jesus deixou sua família, sua casa em uma caminhada de aproximadamente cem quilômetros, rompendo com todos os enlaces humanos para o cumprimento do propósito de Deus para com o Messias. Começando pelo princípio estabelecido por Deus através de João Batista.

Então Jesus veio da Galiléia ao Jordão para ser batizado por João. João, porém, tentou impedi-lo, dizendo: “Eu preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?” Respondeu Jesus: “Deixe assim por enquanto; convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça”. E João concordou. Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento o céu se abriu, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele. Então uma voz dos céus disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado”.¹⁵

Após Seu batismo, as Escrituras narram que Jesus seguiu para o deserto guiado pelo Espírito Santo, onde passou quarenta dias sendo tentado e provando sua superioridade sobre o Diabo, o tentador. Demonstrando sua humanidade através de sentimentos como fome, sede, cansaço dentre outros. E sua divindade em transpor as suas necessidades em favor da exortação do Mau.

Deixando o deserto, seguiu para Galiléia local escolhido para o exercício de seu ministério e recrutamento dos apóstolos. Jesus recrutou doze homens humildes que escolheram seguir com ele deixando tudo que tinham para trás. A eles, propôs um modelo de vida desprovido de bens materiais, onde a evolução espiritual para a propagação da Sua mensagem em prol do resgate de almas, era o principal objetivo.

Assim como no modelo da escola filosófica Estoica, Jesus chamou discípulos que O tinham por Mestre. Relacionando com o Estoicismo, onde era adotada a prática de diálogos entre mestres e discípulos para orientação, impressiona a familiaridade com que o mestre Jesus ensinava e buscava meios de proporcionar um fácil entendimento dos seus ideais.

O caráter missionário de visão popular das escolas estóica e epicurista também é encontrado claramente no ministério de Jesus, que se dirigia a todos, independente de raça, sexo, idade ou posição social, Jesus não fazia distinção de pessoas ao convocá-las ao Seu projeto de salvação.

¹⁵ Mateus (3,13-17)

Como afirmou Jaeger em relação ao cristianismo e a filosofia grega: “havia uma unidade última e um núcleo comum de ideias entre eles”¹⁶. O pensamento filosófico que levava a crítica social constante, muito refletiu nas mensagens de Jesus que procurou ao longo de todo o seu ministério priorizar os necessitados e excluídos das sociedades. Demonstrando total indiferença a títulos ou posses ao longo do seu ministério.

Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.¹⁷

Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro.¹⁸

Pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram com muitos sofrimentos.¹⁹

Em diversos versículos podemos perceber essa preocupação com o apego aos bens materiais: Conservem-se livres do amor ao dinheiro e contentem-se com o que vocês têm, porque Deus mesmo disse: "Nunca o deixarei, nunca o abandonarei". Hebreus (XIII, 5)

Em alguns deles a recomendação chega a ter um aspecto bem radical. “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”. Marcos (X, 25). Podendo aparecer nas narrativas como forma de alerta ao perigo constante de nos deixarmos levar pelos atrativos de se entregar a ganância. Então lhes disse: "Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens". Lucas (XII, 15)

No período de aproximadamente três anos e meio entre o batismo e a sua morte, Jesus de Nazaré realizou cerca de 35 milagres descritos na bíblia, não estando contabilizados muitos outros feitos não detalhados na escritura, apenas citados. E em todos os milagres, pregações, parábolas, formamos a imagem de um Cristo simples, popular, que se voltava em favor dos necessitados. Jesus reiterou a Lei mosaica, mas foi além, demonstrou em atitudes o significado de amor incondicional, de desapego, evolução de entendimento, busca pela fé racional e prática.

¹⁶ WERNER, Jaeger. **Cristianismo primitivo e Paideia grega**, 2014, p.53.

¹⁷ Mateus (6,19-21)

¹⁸ Mateus (6,24)

¹⁹ I Timóteo (6,10)

Características também demonstradas pelos filósofos estóicos do mesmo período. Dentre eles destaco Lucius Annaeus Sêneca, conhecido por Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.), importante filósofo estóico contemporâneo de Jesus, que embora não se possa afirmar a influência de um sobre o outro ou o encontro entre eles, é instigante notar o sincronismo entre os pensamentos.

É parte da cura o desejo de ser curado.²⁰

Então ele lhe disse: "Filha, a sua fé a curou! Vá em paz e fique livre do seu sofrimento".²¹

O homem que sofre antes de ser necessário, sofre mais que o necessário.²²

Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal.²³

Se quer ser amado, ame.²⁴

O meu mandamento é este: Amem-se uns aos outros como eu os amei.²⁵

Pobre não é aquele que tem pouco, mas antes aquele que muito deseja.²⁶

E disse-lhes: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza, porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui.²⁷

O ministério de Jesus foi interrompido pela sua morte, pena executada por crimes de blasfêmia, profanação do sábadó, subversão e se auto intitular profeta. Seus principais acusadores foram os Fariseus, autoridades judaicas que eram responsáveis por resguardar as leis mosaicas e garantir o seu cumprimento. A postura adotada por Jesus em pregar o amor a Deus e ao próximo como máximas, sobrepondo tais mandamentos a própria lei, ia contra as doutrinas da fé judaica, fazendo com que as autoridades judaicas não o reconhecessem como o Messias, e o levaram a condenação. Embora a autoridade romana Pôncio Pilatos tenha considerado a pena inapropriada, atendeu ao apelo popular, lavou suas mãos como forma de demonstrar seu desacordo com a sentença, e Jesus de Nazaré foi executado. Todo o processo de julgamento e execução estão narrados nas Escrituras no livro de Mateus, capítulos 26 e 27.

²⁰ Sêneca, **Frases e Pensamentos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/> (acesso dia 18/10/2020 às 15:00h).

²¹ Marcos (5,34)

²² Sêneca, **Frases e Pensamentos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/> (acesso dia 18/10/2020 às 15:10h).

²³ Mateus (6,34)

²⁴ Sêneca, **Frases e Pensamentos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/> (acesso dia 18/10/2020 às 15:30h)

²⁵ João (15,12)

²⁶ Sêneca, **Frases e Pensamentos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/> (acesso dia 18/10/2020 às 15:45h)

²⁷ Lucas (12,15)

Porém a morte não cessou o ministério de Jesus Cristo, sua mensagem alcançou gerações e perdura até os dias de hoje. Através do Novo testamento, o cristianismo reconhece Nele o Messias e crê em Seu papel de mediador entre os seres humanos e o próprio Deus, e como salvador da humanidade.

3.3. NASCIMENTO DA IGREJA PRIMITIVA

O momento histórico que marca o início da igreja primitiva, é o encontro de Jesus ressurreto no monte das Oliveiras com os seus apóstolos. Ali Jesus deu algumas instruções e subiu ao plano celestial, deixando para eles a missão de levar o evangelho a todas as nações. E os onze discípulos partiram para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes tinha designado.

E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.²⁸

Não houve a consciência por algum tempo de que ali se institua uma nova religião, Jesus nunca demonstrou ser essa a sua vontade, mas se fazia cada dia mais insustentável a permanência dos grupos cristãos como judeus. Foi acontecendo de forma gradual a ruptura do cristianismo com o judaísmo, e o ministério dos discípulos foi tomando todas as partes do mundo, multiplicando os crentes em Cristo como o messias. Entre os primeiros cristãos estavam judeus e gentios que passaram a professar a mesma fé.

A Igreja primitiva perdurou por mais de 200 anos e esse período foi titulado de Era Apostólica, pois eram os próprios apóstolos²⁹ que peregrinavam ministrando nas primeiras igrejas e convertendo novos adeptos para o cristianismo. Porém esse processo inicial da igreja cristã não foi fácil. Foi um período marcado pela perseguição e opressão do Império contra os cristãos. Consideravam a fé em Jesus como superstição ou até mesmo como uma seita misteriosa, onde o fato de não reverenciarem os “deuses” causou muita perseguição e mortes. O primeiro mártir a morrer em nome do evangelho foi Estêvão, em seu apedrejamento estava presente Paulo, na ocasião

²⁸ Mateus (28,16-20)

²⁹ Hurlbut, Jesse Lyman. **História da Igreja Cristã**, Ed 1ª Ed. 1979, p. 12.

membro do partido fariseu, e incrédulo em Cristo. Logo depois Paulo teve uma experiência de fé, ficando cego por 3 dias em decorrência de uma luz. O que o levou a conversão, e o tornou peça chave na formação da igreja cristã. Seu legado foi além de levar a mensagem de cristo aos lugares que passava, Paulo foi responsável por escrever cartas às igrejas, orientando e direcionando a solução de problemas encontrados ao longo do tempo, além de confortar os fiéis em uma era de opressão a fé que professavam. Essas cartas acrescidas dos quatro evangelhos formam o Novo testamento.

Mesmo em meio a toda perseguição, os seguidores de Jesus tomaram uma proporção de quase metade do Império Romano.³⁰ Os apóstolos, exceto Judas que cometeu suicídio, viveram em um modelo de vida semelhante ao de Jesus, peregrinos e missionários, se distanciando totalmente das ambições desse mundo em prol da missão de pregar o evangelho como o maior objetivo de suas vidas. Até que chegou ao trono um imperador que após uma experiência religiosa, adotou o cristianismo como religião aliada e interrompeu a opressão e violência contra os cristãos, instaurando uma trégua, e o cristianismo de religião perseguida o passou a ser a religião oficial do império.

O apoio ao cristianismo trouxe a Roma prestígio como a capital da igreja e fez com que se consolidasse como uma religião estruturada e em constante crescimento. Considera-se como o marco do fim da igreja primitiva a realização do Concílio de Nicéia que aconteceu em 325 d.C. Acontecimento que iniciou a era dos concílios e sistematização da igreja Cristã.

³⁰ Ibid., p.17.

4. INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA NO CRISTIANISMO

O cristianismo encontrou a cultura helênica desde seu nascimento, já que foi no contexto de expansão da cultura grega que ele foi fundado. Desta forma, precisaram caminhar juntos desde então. Pode-se dizer que houve de certa forma em todo esse processo de construção da religião cristã, a helenização do cristianismo e a cristianização do helenismo, o que representaria justamente essa troca de culturas e ideais que marcaram fortemente o período. Considerado por alguns pensadores como a filosofia dos Bárbaros, o cristianismo dividiu opiniões, entre correntes que rejeitavam a bagagem grega que o cristianismo trazia consigo, e aqueles que discursavam a harmonia entre seus ideais. Porém é inegável que a filosofia ao menos tenha preparado um solo fértil para a implantação do cristianismo, abordando antecipadamente questões que mais tarde viriam a ser levantadas pelo pensamento cristão com nova roupagem. A respeito da formação de pensamentos sobre os seres espirituais Helmut Koester dissertou:

Platão já havia sugerido que os daimones eram seres intermediários, capazes de comunicar-se com os seres humanos em nome dos deuses. Ele também admitia diferentes categorias de demônios, que agiam tanto no reino dos céus, ou no ar, quanto no reino do espírito, ou na alma humana. Xenócrates (morreu a.C 315) acrescentou a distinção entre demônios bons e maus, estes assombrando os reinos sublunares. Esse conceito deu legitimidade filosófica a crenças populares muito difundidas, contribuindo assim na sua posterior propagação na literatura filosófica e teologia.³¹

Textos filosóficos apoiaram e pautaram as verdades cristãs sobre esse assunto, enriquecendo e embasando a existências dos seres espirituais fora do contexto da fé judaica. Colaborando para sua aceitação entre outros povos e não apenas para os judeus. Como foi dito por Christopher:

... a maior parte dos cristãos citavam Platão apenas onde aparecesse que ele confirmava doutrinas estabelecidas pela igreja. A realidade de Deus, sua criação e providência, as potestades celestes, a alma humana, seu aperfeiçoamento, sobrevivência e futuro julgamento, tudo isso podia ser sustentado por meio da escolha apropriada de textos Platônicos.³²

Abordagens platônicas que em muito se assemelham ao pensamento cristão a respeito de um ser criador, são numerosas. Pensamentos profundos que por não irem de encontro ao cristianismo,

³¹ KOSTER, 2005, p.148.

³² STEAD, 1999, p.23.

serviram com uma espécie de reforço para as mensagens de Jesus, aqueles que já haviam tido contato com o pensamento platônico. Pannenberg cita Agostinho a respeito dessa possibilidade:

Assim, o que é possível conhecer, naturalmente os platônicos conheceram; Deus revelou-o, pois, desde a criação do mundo, os olhos da inteligência veem, no espelho das realidades visíveis, as perfeições invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua divindade (VIII.6), “...” Nenhuma se aproxima da nossa mais do que a doutrina de Platão.(VIII.5).³³

As semelhanças dos textos filosóficos do período helênico e os ideais cristãos geraram o respeito mútuo entre as culturas e estreitou os vínculos, fazendo com que as divergências ficassem menores e com que as diferenças não fossem relevantes no processo de conversão dos gentios. Christopher dissertou reafirmando essa relação:

Durante séculos a ontologia platônica se mostrou um apoio valioso para os filósofos cristãos, e os cristãos acabaram dependendo dela e tomando-a como certa. Mesmo assim vale lembrar que ela não fazia parte da mensagem original do Cristo ou de seus opositores. Ela foi um presente do céu para a igreja, seja por infeliz acaso ou, literalmente, por um desígnio divino. Algo que podia ser adotado e usado e por fim, penetrou toda a estrutura da ortodoxia cristã.³⁴

4.1. FILOSOFIA NA IGREJA PRIMITIVA

Com a disseminação do cristianismo, e a necessidade de proclamar a mensagem de Cristo, os cristãos precisaram adequar o discurso para uma linguagem que atingisse tanto aos já cristãos, quanto os pagãos e perceberam que dentre eles não havia apenas a tendência idólatra como haviam pré conceituado, encontraram no entanto, uma sede em conhecer a Deus e a busca pelo conhecimento de uma verdade que saciasse seus anseios. E desta forma os laços culturais foram se estreitando e o respeito mútuo nascendo, muitas vezes tendo a filosofia como facilitadora neste processo.

No livro de Atos 17,16-34, Paulo visitou Atenas em uma viagem missionária, e foi levado ao Areópago, quando questionado sobre o Deus que pregava, ele faz uso da crença local, como instrumento para a evangelização dos gentios. E apresentou o Deus que cria, de acordo com aquilo que os Atenienses já acreditavam, no altar grego estava a inscrição: “ao deus desconhecido” a quem

³³ PANNENBERG, 2008, p.37.

³⁴ STEAD, 1999, p.224.

era oferecido culto. Afirmou Paulo então, ser esse deus o Senhor a quem representava. Essa passagem aproxima o pensamento de Paulo ao pensamento filosófico que intencionava compreender quem era Deus, e não mais apenas basear a fé nas ações de um Deus até então desconhecido transmitido apenas por tradições orais.

“ontologia de Deus (o ser Deus) tornou-se mais importante que a história (as ações de Deus). Refletir sobre o que Deus é em si passou a ser mais relevante do que pensar sobre a relação das pessoas com Deus. Atrás de tudo isso, encontra-se a noção de que a ideia abstrata é mais real que o histórico.”³⁵

Embora o cristianismo tenha se aproximado da cultura helênica em muitos aspectos, estava cada vez mais claro que se tratava de uma nova religião nascente. Distanciava-se do Judaísmo ao afirmar que Jesus era o Messias aguardado pelos profetas do antigo testamento, e se diferenciava da religião helênica principalmente pelo seu aspecto monoteísta e avesso a idolatria. Porém estava claro que mesmo com suas características próprias e inerentes a Cristo, o cristianismo trazia em sua “bagagem” fortes elementos dos dois segmentos.

Após 85 d.C., o judaísmo teve que se distinguir claramente não só do paganismo, mas também da igreja. De maneira semelhante, cristãos foram obrigados a lutar em duas frentes: contra a sinagoga e contra religiões helenísticas. Em seus primeiros estágios, o cristianismo se encontrava, sem dúvida, mais próximo do judaísmo; nas fases posteriores, ele estaria, em muitos aspectos, mais perto do ambiente grego, apenas da resistência inicial de teólogos como Taciano e Tertuliano. A mudança já se manifesta na terminologia empregada. Conceitos originalmente típicos do culto ao imperador, da área castrense, das religiões gregas de mistérios, do teatro e da filosofia platônica tornaram-se, gradualmente, comuns no culto e na doutrina cristã.³⁶

Com o crescimento acelerado, o Cristianismo foi se tornando, portanto, uma religião distinta do judaísmo, e se tornou também alvo de perseguição pelo Estado que o denominava de sociedade secreta ou seita, e o considerava uma espécie de rival a supremacia total do governo Romano. O cristianismo representava então, a partir daí uma ameaça, uma prática ilícita e ilegal. Os cristãos pregavam lealdade exclusiva a Cristo o que acabava deixando César em posição hierárquica desfavorável. Ao mesmo tempo, os cristãos não tinham representatividade através das autoridades judaicas que não reconheciam o movimento cristão como o nascimento de uma religião “filha” do

³⁵ BOSCH,2002, p.243

³⁶ BOSCH,2002, p.240-241

judaísmo, mas sim uma religião que ia de encontro a Lei judaica, que se apresentava impregnada da fé inculturada pelas fortes influências da filosofia helênica.

“Isso, porém, era o que as autoridades religiosas de então não podiam tolerar. Deus não era como a imaginação deles o concebia. E, seguramente, como lhes convinha. Deus era tão desconcertante quanto desconcertante era aquele Jesus que tinham diante de si. (...) Se era verdade o que Jesus dizia, não outra saída a não ser aceitar que Deus age no mundo do mesmo modo que Jesus agia: relativizando o absoluto da submissão a Lei e absolutizando a luta contra o sofrimento humano. Isso, porém, desmontava “seu deus” e lançava por terra “seus poderes”.³⁷

4.2. FILOSOFIA E O CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO

A relação entre a filosofia e o cristianismo contemporâneo é marcada por uma certa repulsa por parte da grande maioria dos cristãos. Desde o seu nascimento até os dias de hoje, o cristianismo se desenvolveu e se tornou a religião que mais cresce no mundo, paralelo ao seu crescimento houve também ao longo do tempo, o desenvolvimento de teologias que visavam compreender o fenômeno cristão. Com isso, passou a religião cristã a se apresentar em diversos momentos da história, como detentora da “verdadeira sabedoria”, durante quatro séculos após o surgimento do cristianismo, a teologia cristã se “apoderou” da filosofia, tornando a mesma sua “serva”, a fim de legitimar o seu discurso de fé através da mesma. São João Crisóstomo (347-407 d.C.) já fala em “filosofia cristã”. Desta forma, a teologia assumiu o papel de sustentar a credibilidade do cristianismo e para isso a fé cristã é traduzida para a uma linguagem filosófica.

Justino de Roma (100-165 d.C.), natural da Palestina, no Diálogo com o judeu Trifão, afirma que, “de fato, a filosofia é o maior e o mais precioso bem diante de Deus, para o qual somente ela nos conduz e nos associa. Na verdade, santos são aqueles que consagram à filosofia a própria inteligência”.³⁸

Teólogos cristãos passaram a desenvolver suas teologias a partir do chão filosófico helênico agregando o conhecimento racional as experiências de fé. São Tomás de Aquino e Santo Agostinho são grandes referências de pensadores desse movimento.

³⁷ CASTILHO, 2006, p.59-60

³⁸ JUSTINO. Diálogo com Trifão, 2,1.

“São Tomás de Aquino está entre os que tentaram conciliar a filosofia de Aristóteles com o Cristianismo. E o que se atribui a ele é o mérito de ter conseguido a grande síntese entre fé e o conhecimento.”³⁹

E segundo Gonzalez: “Deve-se sobretudo a maneira com que soube fazer uso de uma filosofia que outros encaravam como uma ameaça séria a fé, e que ele converteu em instrumento nas mãos da mesma fé.”⁴⁰

Tornou-se cada vez mais difícil desvincular a teologia da filosofia e até os dias de hoje, é comum a perda do mérito da filosofia no cenário cristão. Existe principalmente no contexto das igrejas evangélicas, uma prática de associar sempre a filosofia a cultura pagã, e, portanto, alheia ao evangelho, deixando de lado toda a influência positiva gerada ao cristianismo refletida e impregnada na teologia na qual é baseado a religião até os dias de hoje.

O “desprezo” da comunidade cristã à filosofia grega tem por consequência a falta de interesse no aprofundamento do estudo dela nos contextos eclesiais, e a atribuição exclusiva dos princípios judaicos na formação do cristianismo ainda é pregado na grande maioria das denominações. Essa postura causa muitos equívocos na construção do chão cultural na qual Jesus viveu e foi fortemente influenciado, empobrecendo assim o conhecimento que se tem da própria religião.

O reflexo dessa falta de percepção de quem de fato foi o Jesus histórico, é nítido quando avaliamos os ideais de grande parte da comunidade cristã evangélica mundial contemporânea. Instituição esta, que cita frequentemente trechos do Antigo Testamento para reforçar a religiosidade, o materialismo e a falta de um olhar para o próximo com o amor incondicional, tão pregado por Cristo.

Se a igreja evangélica hoje, se voltasse para o contexto histórico, social e econômico que envolviam a vida Jesus, e que foram fundamentais para o desenvolvimento do seu ministério, viriam a semelhança das necessidades do nosso tempo, e poderiam assumir uma postura que se assemelhasse mais a Cristo, com a busca pela diminuição das injustiças sociais já abordadas pelas escolas filosóficas como o estoicismo, que pregavam o desapego aos bens materiais e a evolução interior, tão evidenciada nas atitudes de Jesus. Ao invés disso, o que vemos é uma igreja que mais se assemelha aos fariseus, ajuntando tesouros terrenos, inertes a um sistema destrutivo aos mais

³⁹ GAARDER, 1996, p.199

⁴⁰ GONZALEZ, 2001, p.148-149

fracos, julgadores dos pecados alheios. Essa é a triste realidade que persiste atualmente no meio Cristão.

4.3. RESGATE A IGREJA APOSTÓLICA

Em cada período da história surgem teologias como reflexo das necessidades de determinada sociedade em um determinado momento. Assim surgiram as teologias da prosperidade, a teologia da libertação, teologia da graça e muitas mais. Atualmente, existe um movimento teológico para que a igreja cristã se volte para o judaísmo e recupere as suas raízes judaicas, no intuito de se aproximar do que foi a igreja Apostólica em sua essência, assim como o sentimento que deu origem ao processo da reforma protestante. Porém, mais uma vez a filosofia helênica é posta para escanteio, mesmo tendo tanta importância na essência dessa religião quanto o judaísmo, e esse movimento tende a voltar-se quase que exclusivamente às leis e ensinamentos da torá, ignorando as necessidades sociais atuais. Dissociar a cultura helênica e pregar um Jesus estritamente judeu, como se somente a religião judaica tivesse influenciado em sua vida e em seu ministério, é renegar as origens de uma fé gerada justamente pela diversidade, e pela necessidade de respeito as diferenças. A teologia Paulina foi construída com base nas necessidades e anseios da igreja nascente, e essa é a essência a ser resgatada em uma sociedade tão injusta como a que vivemos. Essa tendência vinda principalmente da igreja protestante pentecostal, origina-se inicialmente da diferenciação paulina da sabedoria de Deus em detrimento da sabedoria humana, maneira na qual referiu a filosofia grega em determinados trechos. E na forma com que os textos escritos por ele, as colocavam em oposição ou até mesmo em exclusão.

Alguns trechos dos textos bíblicos paulinos desqualificam a filosofia como uma ferramenta preciosa na busca por sabedoria ou pela verdade, Paulo induz ao pensamento de que a filosofia é capaz de levar apenas a uma verdade humana, e, portanto, limitada.

Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.⁴¹

⁴¹ 1 Coríntios (1,22-25)

A tendência eclesiástica de renegar a filosofia se dá também pela má contribuição da corrente de pensamento dualista de Platão. A rejeição pelo dualismo platônico, e alguns escritos paulinos, foram elementos que contribuíram para que a igreja cristã negasse a rica influência filosófica sobre a formação e essência do cristianismo, a restringindo com mera sabedoria humana. A respeito do dualismo muitas heranças desse pensamento perduram até hoje, como o repúdio cristão a natureza da matéria e o que diz respeito aos prazeres carnis. Como narra Fernando Albano:

Principalmente, no período da patrística, o dualismo antropológico de origem platônica é facilmente diagnosticado. As máximas desse período relativas ao corpo comprovam: “O corpo é uma prisão, um túmulo (é preciso) arrancar a alma da “cadeia da carne”, do laço como um cadáver. A carne é como um lado em que a alma não pode deixar de manchar-se e degradar-se” (SPIDLIK, 2002, p.345-346). Portanto, é inegável a forte influência dualista helênica no pensamento e na teologia cristã. Essa influência está presente até hoje na cultura ocidental.⁴²

É inegável que a ideia platônica dualista tenha influenciado negativamente o cristianismo, através desse pensamento surgiram conceitos como o da concepção da divisão de corpo e alma. Entendimento que se afasta da proposta judaico-cristã de integridade.

[...] nossa alma é de uma natureza inteiramente independente do corpo e, por conseguinte, que não está absolutamente sujeita a morrer com ele; depois, dado que não se vê outras causas que a destrua, somos naturalmente levados a julgar, a partir disso, que ela é imortal.⁴³

Porém embora prejudicial e refletido até hoje no cristianismo contemporâneo, a ideia equivocada do dualismo, não deve eliminar toda a influência positiva que os ideais platônicos tiveram na propagação do cristianismo, no sentido de preparar caminho em meio aos gentios para a propagação da mensagem Cristã.

O Apóstolo Paulo, no livro de Romanos capítulo 12, nos convida a prestar um culto racional a Deus, e ainda a uma renovação da mente.⁴⁴ E a filosofia se mostrou desde a Antiguidade uma

⁴² ALBANO, Fernando. **Dualismo corpo/alma na Antropologia pentecostal**. In: OLIVEIRA, David Mesquiat (Org.) *Pentecostalismo e transformação Social*. São Paulo: Fonte Editorial. 2013.

⁴³ DESCARTES, René. **Discurso do Método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências** 2002, p. 124

⁴⁴ Romanos (12:1-2)

valiosa ferramenta na busca da razão e da sabedoria. e assim como no período de formação do cristianismo, deveria andar de mãos dadas com as experiências de fé, não submetendo-as uma a outra, mas sim agregando valores a fim de se vivenciar uma fé baseada na verdade cristã, ou o mais próximo que seja possível de se chegar a ela.

5. CONCLUSÃO

Para finalizar a presente pesquisa destacamos a necessidade de um movimento de retorno ao cristianismo apostólico. Analisamos que embora a religião cristã e suas teologias estejam em constante mudança, em prática, têm se afastado cada vez mais da essência do evangelho. Vimos que se faz necessário para esse resgate a mensagem de Cristo, o estudo sobre todo o contexto na qual Jesus nasceu, cresceu e exerceu o seu ministério, entretanto, uma parte da história tem sido negligenciada nesse processo e vêm tendo a sua relevância ofuscada.

Neste sentido, o entendimento da importância da filosofia helênica no processo de formação do ideal cristão, contribui para o entendimento da necessidade da religião se adaptar às necessidades da sociedade. Jesus demonstrou essa preocupação em todo momento do exercício do seu ministério, quebrando paradigmas e demonstrando que o amor de Deus é ofertado a todos e não a um povo específico.

Assim como no pensamento filosófico Estóico, Jesus trouxe uma proposta ousada de novidade de vida, priorizando o ministério em detrimento da conquista de bens materiais e posições de status social. Essa visão ainda se aplica a necessidade da comunidade cristã de hoje, que têm negligenciado a missão da igreja em prol de alcançar exclusivamente as satisfações deste mundo. Sucumbindo a um sistema que vai de encontro a essência do cristianismo e manipulando a teologia e a organização eclesial para mantê-lo.

A investigação proposta por Werner nos leva a percepção da importância de entendermos as diferenças da Paideia grega e a Paidéia Cristã, objetivando a busca do elo para o pensamento de Jesus Cristo, e conseqüentemente corrigir os equívocos do cristianismo contemporâneo, que segundo o autor, alcançou outro entendimento no modo de alcançar as virtudes.⁴⁵

É de extrema importância tomarmos esse incentivo a investigação como responsabilidade cristã. O papel de atualizar a mensagem de Cristo cabe a teologia cristã, e sem o comprometimento com a essência principal da mensagem de Jesus essa atualização será sempre errônea, trazendo consequências devastadoras para humanidade.

A tensão entre a má utilização e a verdadeira intenção do evangelho se tornou explícita na Idade média, considerada a Idade das trevas. Cerca de mil anos de barbaridades foram executadas em nome de Cristo. Esse período representa a maior lição de manipulação da fé na estratégia de

⁴⁵ JAEGER, 2024, p.105

poder e lucros. É dever cristão manter essa realidade aprisionada do passado histórico, e não permitir que a ignorância seja desculpa para conspiração do mal em nome de Deus.

Somos chamados para ser sal da terra e luz do mundo,⁴⁶ e isso implica em iluminar onde há trevas, ou seja, levar sabedoria onde habita a ignorância. Visto que o conhecimento é como a luz, que possibilita a visão, é ele que permite o discernimento do que é certo e errado, e o motivo de buscarmos incessantemente adquiri-lo cada dia mais.

Segundo o pensamento filosófico socrático, a busca pelo conhecimento não deve nunca ser marcada pelo sentimento de deter uma verdade absoluta, a verdade é relativa e por isso essa busca é interminável. A humildade na consciência de que sempre há o que se aprender é fundamental para o alcance da sabedoria. Através da filosofia, esse entendimento é alcançado com maior facilidade, dado que seu princípio básico é o questionamento e a inexistência da imposição de uma verdade absoluta. Através dela somos eternos aprendizes. Quanto ao mestre, é sempre aquele que inspira, que instiga a busca pelo sentimento de plenitude e se torna referência por sua sabedoria e coerência em seus atos. O mestre no cristianismo é Jesus e o objetivo da religião cristã é espelhar-se Nele. A filosofia é uma útil ferramenta nessa missão.

⁴⁶ Mateus (5:13-16)

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110p. Velho Testamento e Novo Testamento.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Penguin, 2017.

ANÔNIMO, **O vilarejo de Nazaré no tempo de Jesus**, disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/diversos/o-vilarejo-de-nazare-no-tempo-de-jesus/> (acesso dia 21/09/2020 às 17:00h)

ASCENÇÃO, HUGO DA SILVA. **A IGREJA PRIMITIVA; Brasil escola.** Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/> Acesso em 21 de Novembro de 2020.

CABRAL, JOÃO FRANCISCO PEREIRA. **"Escolas filosóficas do período helenístico"; Brasil Escola.** Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/periodo-helenistico-1.htm>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

CALVINO, João. **As institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006, vol. 4.

CASTILLO, José M. **Deus e nossa felicidade.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DE CARVALHO LEAL, TALITA. **Período Helenístico.** <https://www.passeidireto.com/arquivo/75199492/periodo-helenistico> (acesso dia 15/09/2020 às 12:30h)

DESCARTES, René. **Discurso do Método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências.** Tradução de Thereza Chistina Stummer. São Paulo: Paulus, 2002.

DROYSEN, J. G. **Alexandre: o grande.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2010, p. 330.

EPICURO, **Cartas e Princípios** / Epicuro; introdução, tradução e notas de Lúcio Jakobmuschel - Montecrito Editora, 2019

FARRINGTON, Benjamin. **A doutrina de Epicuro.** Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

FERNANDES, CLÁUDIO. **História do mundo: Helenismo.** Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-antiga/helenismo.htm/> (acesso dia 12/09/2020 às 16:10h)

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GONZALEZ, Justo L. **A era dos altos ideais.** 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2001.

GRATIDÃO (pseudônimo). **Pode vir alguma coisa boa e Nazaré**, disponível em: <https://sombraoonipotente.blogspot.com/2014/10/pode-vir-alguma-coisa-boa-de-nazare.html/> (acesso dia 21/09/2020 às 17:00h)

GREGÓRIO, ESDRAS, **A cristandade sob a influência do estoicismo**, disponível em: <https://cristianismoa-religioso.blogspot.com/2011/02/cristandade-sob-influencia-do.html> (acesso dia 17/10/2020 às 10:20h)

HADOT, P. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. São Paulo: É Realizações, 2014.

HELMUT, Koester. **Introdução ao Novo Testamento, história, cultura e religião do período helenístico**. Paulus Editora. 2005.

JOSEANE, ROSA. **Período Helenístico**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/periodo-helenistico> (acesso dia 12/09/2020 às 16:30h)

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias – Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 1995. (Col. Patrística).

PANNENBERG, Wolfhart, **Filosofia e teologia: tensões e convergências em uma busca comum**. São Paulo: Paulinas, 2008, p.37.

SAVIAN FILHO, José. **Deus – Coleção Filosofia frente e verso**. Editora Globo, 2008

SÓCRATES, **Frases e Pensamentos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/> (acesso dia 21/09/2020 às 18:05h)

STEAD, Christopher. **A filosofia na antiguidade cristã**. São Paulo - SP: Paulus, 1999.p.23.

WERNER, Jaeger. **Cristianismo primitivo e Paideia grega**. Academia Cristã, 2014.

WERNER, Jaeger. **Paideia a formação do homem grego**. WMF Martins Fontes, 2013.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio Dantas. **Helenismo e Cristianismo primitivo: encontros e confrontos**. 6ª Ed. É Realizações, 2012.